



# Dei Verbum



Realização: Associação Filhos de Jesus e Maria, Comunidade de Aliança e Vida (Distr. gratuita)

Edição: Dezembro 2018

## PREPARAÇÃO PARA O SANTO NATAL



### TEMPO DO ADVENTO.

#### ADVENTO: À ESPERA DO SENHOR

- Vigilantes ante a chegada do Messias.
- Principais inimigos da nossa santidade: as três concupiscências. A Confissão, meio para preparar o Natal.
- Vigilantes mediante a oração, a mortificação e o exame de consciência.

Ó DEUS TODO-PODEROSO, avivai nos vossos fiéis, ao começar o Advento, o desejo de acorrerem ao encontro com Cristo, acompanhados pelas boas obras.

Talvez já tenhamos tido a experiência num sermão sobre o Advento do que é caminhar na noite e arrastar os pés durante quilômetros, fixando avidamente o olhar numa luz longínqua que representa de alguma forma o lar. Como é difícil avaliar as distâncias em plena escuridão! Tanto pode haver uns quilômetros até o lugar do nosso destino, como apenas umas centenas de metros. Era essa a situação em que se encontravam os Profetas quando olhavam para o futuro, à espera da redenção do seu povo.

Não podiam dizer, nem com uma aproximação de cem anos ou mesmo de quinhentos, quando é que o Messias chegaria. Só sabiam que um dia a estirpe de Davi voltaria a florescer, que um dia encontrariam a chave que abriria as

portas da prisão; que a luz, que avistavam apenas como um ponto nebuloso no horizonte, haveria de ampliar-se por fim, até se transformar num dia perfeito. O Povo de Deus devia permanecer à espera.

Esta mesma atitude de expectativa é a que a Igreja deseja para os seus filhos em todos os momentos da sua vida.

Considera como parte essencial da sua missão fazer com que continuemos a olhar para o futuro, ainda que estejamos no limiar do segundo milênio daquele Natal que hoje a liturgia nos apresenta como iminente. E anima-nos a caminhar com os pastores, em plena noite, vigilantes, dirigindo o nosso olhar para a luz que jorra da gruta de Belém.

Quando o Messias chegou, poucos o esperavam realmente. *Veio para o que era seu*, mas os seus não o receberam. Muitos daqueles homens haviam adormecido para o mais essencial das suas vidas e da vida do mundo. Estai vigilantes, diz-nos o Senhor no Evangelho da Missa. Despertai, repetir-nos-á São Paulo. Porque também nós podemos esquecer-nos do mais fundamental da nossa existência.

Convocai todo o mundo, anunciai a todas as nações e dizei: Olhai para Deus, nosso Salvador, que chega. Anunciai-o e que se ouça; proclamai-o com voz forte. A Igreja nos põe de sobreaviso com quatro semanas de antecedência a fim de que nos preparemos para celebrar

de novo o Natal e, ao mesmo tempo, para que, com a lembrança da primeira vinda de Deus feito homem ao mundo, estejamos atentos a essas outras vindas do Senhor: no fim da vida de cada um e no fim dos tempos. Por isso o Advento é tempo de preparação e de esperança.

*Vinde, Senhor, não tardeis.* Preparemos o caminho para o Senhor que chegará em breve; e se notarmos que a nossa visão está embaçada e não distinguimos com clareza essa luz que procede de Belém, é o momento de afastar os obstáculos. É tempo de fazer com especial delicadeza o exame de consciência e de melhorar a nossa pureza interior para receber a Deus. É o momento de discernir as coisas que nos separam do Senhor e de lançá-las para longe de nós. Para isso, o exame deve ir até as raízes dos nossos atos, até os motivos que inspiram as nossas ações.

Como neste tempo queremos de verdade aproximar-nos mais de Deus, examinaremos a fundo a nossa alma. Encontraremos aí os verdadeiros inimigos que se empenham sem tréguas em manter-nos afastados do Senhor. De uma forma ou de outra, estão aí os principais obstáculos para a nossa vida cristã: a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida.

A concupiscência da carne não é apenas o impulso desordenado dos sentidos em geral não se reduz exclusivamente à desordem da sensualidade: estende-se ao comodismo e à falta de vibração, que impelem a procurar o mais fácil, o mais agradável, o caminho aparentemente mais curto, mesmo à custa de concessões no caminho da fidelidade a Deus.

"O outro inimigo é a concupiscência dos olhos, uma avareza de fundo que leva a apreciar apenas o que se pode tocar. Os olhos da alma embotam-se; a razão julga-se auto-suficiente e capaz de entender todas as coisas prescindindo de Deus. É uma tentação sutil, que se escuda na dignidade da inteligência; da inteligência que nosso Pai-Deus outorgou ao homem para que o conheça e o ame livremente. Arrastada por essa tentação, a inteligência humana considera-se o centro do universo, entusiasma-se novamente com o *sereis como deuses* (Gên 3, 5) e, enchendo-se de amor por si mesma, vira as costas ao amor de Deus.

"Deste modo, a nossa existência pode entregar-se sem condições às mãos do terceiro inimigo, a *superbia vitae*. Não se trata simplesmente de pensamentos efêmeros de vaidade ou de amor próprio: é um endurecimento generalizado. Não nos enganemos, porque tocamos o pior dos males, a raiz de todos os extravios.

Agora que o Senhor vem a nós, temos de preparar-nos. Quando chegar o Natal, o Senhor terá de encontrar-nos atentos e de alma bem disposta; e assim terá de encontrar-nos também no nosso encontro definitivo com Ele. Precisamos tornar retos os caminhos da nossa vida, voltar-nos para esse Deus que vem até nós. Toda a existência do homem é uma constante preparação para

ver o Senhor, que cada vez está mais perto; mas no Advento a Igreja ajuda-nos a pedir de um modo especial: *Senhor, mostrai-me os vossos caminhos e ensinai-me as vossas veredas. Dirigi-me na vossa verdade, porque sois o meu Salvador.*

Preparemos este encontro através do sacramento da Penitência. Pouco antes do Natal de 1980, o Papa João Paulo encontrava-se com mais de duas mil crianças numa paróquia romana. E começou a catequese: - Como é que vocês se preparam para o Natal? - *Com a oração*, responderam crianças gritando. - *Muito bem, com a oração*, disse-lhes o Papa. *Mais também com a confissão. Vocês têm que se confessar para depois comungar. Farão isso?* E as milhares de crianças responderam ainda mais alto: — *Faremos!* — *Farão, sim. devem fazê-lo*, disse-lhes João Paulo II. E em voz mais baixa: *O Papa também se confessará para receber dignamente o Menino-Deus.*

Assim o faremos nós também, nestas semanas que faltam para o Natal; com mais amor, com uma contrição cada vez maior. Porque sempre podemos receber com melhores disposições este sacramento da misericórdia divina, como consequência de termos examinado mais a fundo a nossa alma.

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: Estai de sobreaviso, vigiai e orai, porque não sabeis quando será o tempo. Vigiai, pois, visto que não sabeis quando voltará o dono da casa. se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo ou pela manhã, para que não suceda que, vindo ele de repente, vos encontre dormindo. O que vos digo, a todos o digo: Vigiai.

Para manter este estado de vigília, é necessário lutar, porque a tendência de todo o homem é viver de olhos cravados nas coisas da terra. Especialmente neste tempo do Advento, não deixemos que os nossos corações fiquem ofuscados pela glotonaria, pela embriaguez e pelos negócios desta vida, perdendo assim de vista a dimensão sobrenatural que devem ter todos os nossos atos. São Paulo compara esta vigilância sobre nós mesmos à guarda montada pelo soldado bem armado que não se deixa surpreender. "Este adversário, nosso inimigo, procura fazer-nos mal por onde quer que possa; e, já que não anda descuidado, não o andemos nós".

Estaremos alerta se cuidarmos com esmero da oração pessoal, que evita a tibieza e, com ela, a morte dos desejos de santidade; estaremos vigilantes se não descuidarmos os pequenos sacrifícios, que nos mantêm despertados para as coisas de Deus. Estaremos atentos mediante um exame de consciência delicado, que nos faça ver os pontos em que nos estamos separando, quase sem o percebermos, do nosso caminho.

"Irmãos, diz-nos São Bernardo\_a vós, como às crianças, Deus revela o que ocultou aos sábios e entendidos: os autênticos caminhos da salvação. Meditai neles com suma atenção. Aprofundai no sentido deste Advento. E, sobretudo, observai quem é Aquele que vem, de onde vem e para onde vem; para quê,



quando e por onde vem. É uma curiosidade boa. A Igreja universal não celebraria com tanta devoção este Advento se não contivesse algum grande mistério”.

Santa Maria, que é a nossa Esperança, ajudar-nos-á a melhorar neste tempo do Advento. Ela espera com grande recolhimento interior o nascimento do seu Filho, que é o Messias. Todos os seus pensamentos se dirigem para Jesus, que nascerá em Belém. Junto dEla, ser-nos-á fácil preparar a nossa alma para que a chegada do Senhor não nos encontre absorvidos em coisas que têm pouca ou nenhuma importância diante de Deus.

---

## MEDITAÇÕES PARA AS QUATRO SEMANAS DO ADVENTO

### PRIMEIRA SEMANA

Como viver bem o tempo do Advento?

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus (Mt 24, 37-44)

“Naquele tempo, Jesus disse aos seus discípulos: "A vinda do Filho do Homem será como no tempo de Noé. Pois nos dias, antes do dilúvio, todos comiam e bebiam, casavam-se e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca. E eles nada perceberam, até que veio o dilúvio e arrastou a todos.

Assim acontecerá também na vinda do Filho do Homem. Dois homens estarão trabalhando no campo: um será levado e o outro será deixado. Duas mulheres estarão moendo no moinho: uma será levada e a outra será deixada.

Portanto, ficai atentos, porque não sabeis em que dia virá o Senhor. Compreendei bem isto: se o dono da casa soubesse a que horas viria o ladrão, certamente vigiaria e

não deixaria que a sua casa fosse arrombada. Por isso, também vós ficai preparados! Porque, na hora em que menos pensais, o Filho do Homem virá”.

É uma constante do discurso escatológico de Jesus: ao falar com os seus discípulos sobre o futuro, Nosso Senhor sempre retorna a fatos passados e profecias contidas já no Antigo Testamento. No Evangelho de hoje, por exemplo, Ele compara sua segunda vinda, no fim dos tempos, ao episódio do dilúvio. Não descreve em detalhes nem como nem quando será; limita-se a usar imagens já reveladas por Deus para ilustrar o seu ensinamento. A razão profunda dessa pedagogia é explicada pelo Papa Bento XVI em sua obra *Jesus de Nazaré*:

"Falar do futuro com palavras do passado subtrai desse discurso qualquer ligação cronológica. Não se trata de uma formulação nova da descrição do futuro, como o seria de esperar em videntes, mas trata-se de inserir a visão do futuro na Palavra de Deus que já nos foi dada e cuja estabilidade, por um lado, e potencialidades abertas, por outro, se tornam assim evidentes. Fica claro que a Palavra divina de então ilumina o futuro, no seu significado essencial; mas não dá uma descrição do futuro; mostra-nos apenas hoje o caminho justo para esse momento e para amanhã.

As palavras apocalípticas de Jesus nada têm a ver com a adivinhação. Querem precisamente afastar-nos de uma curiosidade superficial pelas coisas visíveis (cf. Lc 17, 20) e conduzir-nos ao essencial: à vida alicerçada na Palavra de Deus, que Jesus nos dá; ao encontro com Ele, a Palavra viva; à responsabilidade diante do Juiz dos vivos e dos mortos.”

Ao mesmo tempo, a exortação de Cristo à vigilância, também ela presente no Evangelho deste domingo, "não é sair do presente, especular sobre o futuro, esquecer o tempo atual; antes, pelo contrário, vigilância significa fazer aqui e agora o que é justo e cumpri-lo como se estivéssemos na presença de Deus". Essa lição deve fazer-nos lembrar de um famoso sermão de São



Bernardo de Claraval, no qual ele fala de uma vinda "intermediária" do Senhor, entre a sua Encarnação e a Parusia:

"Conhecemos uma tríplice vinda do Senhor. Entre a primeira e a última há uma vinda intermediária. Aquelas são visíveis, mas esta, não. Na primeira vinda o Senhor apareceu na terra e conviveu com os homens. Foi então, como ele próprio declara, que viram-no e não o quiseram receber. Na última, 'todo homem verá a salvação de Deus' (Lc 3, 6) e 'olharão para aquele que transpassaram' (Zc 12, 10). A vinda intermediária é oculta e nela somente os eleitos o vêem em si mesmos e recebem a salvação. Na primeira, o Senhor veio na fraqueza da carne; na intermediária, vem espiritualmente, manifestando o poder de sua graça; na última, virá com todo o esplendor da sua glória."

À luz dessas palavras, procuremos evitar em nossa vida inquietar-nos com o passado ou distrair-nos com o futuro. Coloquemo-nos antes na presença de Deus, a cada instante, vivendo com intensidade o presente, pois é no hoje, e não no ontem ou no amanhã, que a graça divina vem visitar-nos.

Mas, se Cristo de fato "vem espiritualmente" à nossa alma, "manifestando o poder de sua graça", por que muitas vezes não O notamos e, insensíveis, deixamos passar em vão a sua visita?

A resposta se encontra na comparação de que se serve o Senhor na passagem deste domingo: assim como nos dias de Noé "todos comiam e bebiam, casavam-se e davam-se em casamento", nos dias de hoje estão os homens igualmente hipnotizados com o vício da gula e da luxúria [4]. Esses dois pecados, mais que quaisquer outros, cegam o entendimento e enfraquecem a vontade, tornando praticamente impossível ao homem o cultivo da vida espiritual [5]. Para usar a expressão da primeira leitura, extraída do profeta Isaías, quem está preocupado com as ninharias desta terra, quem põe o seu coração nas coisas baixas deste mundo, não conseguirá ascender "ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, para que ele nos mostre seus caminhos e nos ensine a cumprir seus preceitos" (Is 2, 3). Por isso, neste Advento, é muito importante que nos empenhemos em um duplo trabalho.

Em primeiro lugar, é preciso que abandonemos de vez as obras da carne, conforme a exortação do Apóstolo: "Nada de glotonerias e bebedeiras, nem de orgias sexuais e imoralidades, nem de brigas e rivalidades" (Rm 13, 13). Se porventura há muito tempo não nos confessamos, aproximemo-nos depressa do tribunal da misericórdia de Deus e aproveitemos este tempo de penitência para verdadeiramente chorarmos os nossos pecados. As leituras deste período de preparação para o Natal também nos exortam à vigilância, motivo pelo qual são muito recomendáveis as mortificações relacionadas ao sono, tais como acordar no meio da noite para uma oração ou levantar mais cedo da cama. Nesse quesito, o amor pode suscitar ainda muitas outras práticas que, não prejudicando o decorrer do nosso dia e o cumprimento de nossos deveres de estado, deixem o nosso coração em

alerta constante para obedecer com prontidão à vontade de Deus.

Deixando então os bens perecíveis deste mundo, podemos atender, em segundo lugar, à outra palavra do Apóstolo: "Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo" (Rm 13, 14). O Verbo eterno de Deus fez-se carne, tornou-se homem, a fim de que nós vivêssemos, em nosso existir humano, a própria vida divina. Assim, quando nos depararmos com alguma situação de sofrimento, incompreensão, doença ou necessidade material, lembremo-nos do que o filho de Maria passou, desde o seu humilde casebre de Nazaré até a árdua subida do monte Calvário, tudo a fim de inspirar-nos confiança quando experimentássemos dramas semelhantes. Brotará então de nosso peito uma profunda gratidão a Deus, porque "não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer de nossas fraquezas, pois ele mesmo foi provado em tudo, à nossa semelhança, sem todavia pecar" (Hb 4, 15).

---

## SEGUNDA SEMANA

- Precisamos Falar sobre o Inferno

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus (Mt 3, 1-12)

"Naqueles dias, apareceu João Batista, pregando no deserto da Judeia: "Convertei-vos, porque o Reino dos Céus está próximo". João foi anunciado pelo profeta Isaías, que disse: "Esta é a voz daquele que grita no deserto: preparai o caminho do Senhor, endireitai suas veredas!"

João usava uma roupa feita de pelos de camelo e um cinturão de couro em torno dos rins; comia gafanhotos e mel do campo. Os moradores de Jerusalém, de toda a Judeia e de todos os lugares em volta do rio Jordão vinham ao encontro de João. Confessavam seus pecados e João os batizava no rio Jordão.

Quando viu muitos fariseus e saduceus vindo para o batismo, João disse-lhes: "Raça de cobras venenosas, quem vos ensinou a fugir da ira que vai chegar? Produzi frutos que provem a vossa conversão. Não penseis que basta dizer: 'Abraão é nosso pai', porque eu vos digo: até mesmo destas pedras Deus pode fazer nascer filhos de Abraão. O machado já está na raiz das árvores, e toda árvore que não der bom fruto será cortada e jogada no fogo. Eu vos batizo com água para a conversão, mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu. Eu nem sou digno de carregar suas sandálias. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. Ele está com a pá na mão; ele vai limpar sua eira e recolher seu trigo no celeiro; mas a palha ele a queimará no fogo que não se apaga".

No Evangelho deste domingo, somos confrontados pela severidade da vida e da pregação de São João





Batista. O último dos profetas, precursor do Salvador, vivia na simplicidade: de vestuário, pois "usava uma roupa feita de pelos de camelo e um cinturão de couro em torno dos rins"; e de alimentos, pois "comia gafanhotos e mel do campo". Não menos duras são as palavras que ele dirige, primeiro aos fariseus e saduceus, os quais ele chama, carinhosamente, de "cobras venenosas"; e depois a todo o povo que se põe a escutá-lo. "O machado já está na raiz das árvores", ele diz, "e toda árvore que não der bom fruto será cortada e jogada no fogo", "no fogo que não se apaga".

A um ouvido e um olhar desatentos, palavras assim poderiam soar contrárias ao espírito do Novo Testamento, à lei da caridade que Cristo veio colocar no lugar da Antiga Lei. A verdade, porém, é que o próprio Senhor se serviu de linguagem semelhante para denunciar as obras infrutíferas das trevas (cf. Ef 5, 11), não poupando xingamentos para repreender as mesmas figuras reprimidas por São João Batista (cf. Mt 23). Quando foi necessário, o Evangelho de São João conta que Jesus chegou a fazer um chicote com cordas para expulsar do templo cambistas e vendedores, que faziam da casa de seu Pai uma casa de comércio (cf. Jo 2, 13-17).

Tais exemplos retirados dos Evangelhos são suficientes para mostrar o erro gnóstico de quem contrapõe o Antigo ao Novo Testamento, o Senhor dos exércitos ao Jesus capturado pelos soldados, a justiça divina à sua infinita misericórdia. Deus não é um para os patriarcas e profetas e outro para os Apóstolos, como queria o heresiarca Marcião de Sinope. Ao contrário, um só e o mesmo Deus é o que liberta o seu povo da escravidão do Egito e o castiga quarenta anos no deserto; um só e o mesmo que põe para fora de seu templo os gananciosos e faz entrar em seu Reino os pobres; um só e o mesmo que "trará justiça para os humildes e uma ordem justa para os homens pacíficos" e, ao mesmo tempo, "fustigará a terra com a força da sua palavra e destruirá o mau com o sopro dos lábios" (Is 11, 3-4).

A doutrina católica abraça, portanto, o todo da verdade

a respeito de Deus, sem menosprezar a sua justiça nem abusar de sua bondade, e aquilo que contemplamos na história da salvação, referente à diversidade de leis divinas, repete-se igualmente na história de cada indivíduo tomado em particular. Se os homens passaram a procurar o Céu no lugar de Canaã e a mover-se pelo amor ao invés do temor (cf. Suma Teológica, I-II, q. 91, a. 5), também nós precisamos buscar as alegrias celestes ao invés dos bens terrenos e mover-nos não sob a ameaça do castigo, mas pelo amor de Deus a nós manifestado em Cristo.

O temor de Deus, no entanto, é o princípio da sabedoria (cf. Sl 110, 10) e o primeiro dos dons do Espírito Santo, sobre os quais fala a segunda leitura deste domingo. Para aqueles que ainda não entraram no caminho da salvação, a pregação mais conveniente é aquela que suscita nos corações o temor do Senhor, pois é ele que move a alma a abandonar a vida de pecado e reconciliar-se com Deus. Por isso é tão necessário falar sobre o inferno, ainda nos dias de hoje. Enquanto ainda houver almas se afastando de Deus, cometendo pecados mortais e correndo o risco de se perderem eternamente, esse tema nunca estará "fora de moda", como dizem. A menos, é claro, que consideremos todas as verdades eternas pregadas por Nosso Senhor, pelos Apóstolos e pelos santos, como coisa insignificante ou sem valor. Nesse caso, falta-nos fé e, de todos os homens, somos sem dúvida os mais dignos de lástima, por depositarmos apenas para este mundo a nossa esperança em Cristo (cf. 1Cor 15, 19).

Para termos uma noção mais adequada do que seja o inferno, consideremos a profundidade da nossa alma, que não pode ser plenamente saciada por nada neste universo. Temos dentro de nós um vazio de certo modo infinito, que só Deus pode preencher. Apesar disso, nós em vida não somos capazes de enxergar bem essa verdade e terminamos levando uma vida de "ilusória

independência" do Senhor. Quando morremos, porém, essa verdade de nosso ser se manifesta com toda a sua força e, então, se estamos na amizade de Deus e prontos para irmos ao seu encontro, é ao Céu que nos dirigimos; se morremos na graça divina, mas as nossas misérias e imperfeições ainda nos impedem de ascender, nós sofremos e é essa dor o que a Igreja chama de "purgatório"; a alma que partiu deste mundo no pecado, ao contrário, viveu odiando a Deus e é do mesmo modo que passará, tragicamente, a sua eternidade, insultando com todos os seus atos o Único que podia saciar completamente a sua sede existencial.

Uma realidade tão terrível como essa, consequência de nossa liberdade, não pode ser simplesmente silenciada, como se pouco ou nada fosse. É por isso que Nossa Senhora mostrou às três crianças de Fátima o inferno, chamando-as a oferecerem jejuns e orações pelas almas dos pobres pecadores, a fim de que não se perdessem eternamente. Compreendamos bem que nem a possibilidade de uma guerra nuclear e da própria extinção humana podem superar em gravidade a tragédia que é vermo-nos separados eternamente de Deus, o único Bem capaz de completar perfeitamente o nosso ser.

Por isso, recorramos enquanto é tempo à misericórdia divina. Confessemos-nos, mudemos de vida e procuremos a amizade de Deus, acolhendo como misericordioso Salvador Aquele a quem tememos como Juiz!

---

## TERCEIRASEMANA

- A alegria de ter um Salvador

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus (Mt 11, 2-11)

“Naquele tempo, João estava na prisão. Quando ouviu falar das obras de Cristo, enviou-lhe alguns discípulos, para lhe perguntarem: "És tu aquele que há de vir ou devemos esperar um outro?"

Jesus respondeu-lhes: "Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos recuperam a vista, os paráliticos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados. Feliz aquele que não se escandaliza por causa de mim!"

Os discípulos de João partiram, e Jesus começou a falar às multidões sobre João: "O que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que fostes ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas os que vestem roupas finas estão nos palácios dos reis.

Então, o que fostes ver? Um profeta? Sim, eu vos afirmo, e alguém que é mais do que profeta. É dele que está escrito: 'Eis que envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'. Em verdade vos

digo, de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino dos Céus é maior do que ele".

"Então se abrirão os olhos dos cegos e se descerrarão os ouvidos dos surdos", diz a leitura do profeta Isaías, narrada neste domingo, "o coxo saltará como um cervo e se desatará a língua dos mudos" (Is 35, 5-6). A descrição se encaixa perfeitamente no quadro das obras de Cristo, tema do Evangelho de hoje. Procurado pelos discípulos de João Batista, é exatamente esse o cenário que o Senhor lhes coloca diante dos olhos: "Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos recuperam a vista, os paráliticos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados".

O Doutor Angélico, Santo Tomás de Aquino, ao comentar essa passagem das Escrituras, mostra como todos esses prodígios resumem a obra salvífica de Cristo, a qual é eminentemente espiritual. Deus fez-se homem, de fato, não simplesmente para operar milagres físicos — como pode pensar quem interpreta apenas em um sentido literal as leituras deste domingo —, mas para justificar os seres humanos, para salvá-los, transformando-os de pecadores e escravos de Satanás em santos e filhos adotivos de Deus. Essa obra, que é maior do que os céus e a terra, está significada em cada um dos trabalhos enumerados por Nosso Senhor:

"Falando em um sentido moral, está significado, nesses sinais da vinda do Senhor, todo o processo de santificação do homem. A primeira coisa, de fato, que advém ao pecador, é a cegueira, quando sua razão é obscurecida, tal 'como o abortivo que nunca viu a luz do dia' (Sl 58, 9) e como 'o povo que, mesmo tendo olhos, é cego' (Is 43, 8); ele é chamado de parálítico quando sua mente é conduzida a várias coisas, como está em 1Rs 18, 21: 'Até quando andareis mancando de um lado e de outro?'; da mesma forma ele se torna ulceroso, pelas insídias, e leproso, porque já não pode voltar atrás e passa a infectar outras pessoas; depois, fica surdo, pois o castigo não é mais ouvido por ele; e, por fim, ele morre. Todos esses, no entanto, sana o Senhor, inclusive os mortos, como está escrito: 'Desperta, tu que dormes, levanta-te dentre os mortos' (Ef 5, 14). Por último, são sanados também os pobres em espírito, aos quais falta sanidade, como diz o Salmo: 'Meus rins estão ardendo, em mim nada há de sadio' (Sl 38, 8). Curados, eles são elevados a uma certa estabilidade da mente, na qual se encontra a verdadeira paz, como também está escrito: 'Muita paz tem quem ama a tua lei, no seu caminho não há tropeço' (Sl 119, 165)."

Como essa mensagem se conjuga com o tom alegre da liturgia deste domingo — chamado de gaudete, por causa de sua antífona de entrada (cf. Fl 4, 4) —, é coisa muito fácil de entender. Assim como o povo de Israel, sofrendo



no exílio, se alegrava ao saber que estava próxima a sua libertação, também nós devemos verdadeiramente exultar por termos um Salvador. Se muitas vezes não o fazemos, a razão está em que não compreendemos ainda a miséria de nossa condição, não enxergamos a cegueira, a paralisia, a lepra, a surdez e a morte que habitam em nossos corações, dominados pelo pecado. Pior do que isso é ver como, em nossa época, as pessoas têm feito o possível para "maquiar" a situação humana de afastamento de Deus, transformando essa existência passageira numa ilusão terrivelmente alienante. Para nos servirmos de duas analogias, somos como essas pessoas de idade que, para disfarçarem as rugas, enchem o rosto de produtos e fazem cirurgias plásticas, para parecerem o que não são: jovens. Somos ainda como os passageiros anestesiados de um Titanic, cantando e dançando nos "bailes da vida", enquanto o nosso navio, quer tenhamos ou não consciência, está prestes a afundar. A verdade é que esta existência terrena é uma realidade muito pobre e transitória, diante da eternidade que nos espera. Se ficarmos apegados às coisas deste mundo, passaremos com ele; afundaremos juntamente com o Titanic.

O Senhor, no entanto, tem botes "salva-vidas" prontos para resgatar-nos, e todos os que Ele salvar "voltarão para casa" (Is 35, 10). Por isso, alegremo-nos! Procuremos sanar as nossas enfermidades no amor misericordioso de Deus, que nos acolhe, nos perdoa e nos conduz à vida eterna. Reconciliemo-nos com Ele, se porventura tivermos perdido a sua amizade, e fortaleçamos nossas resoluções de O servir com generosidade! "Não há nada melhor no mundo", afinal, "do que estar em graça de Deus", tendo o menino Jesus repousando no presépio de nosso coração.

## QUARTASEMANA

- Não tenhas medo de receber Maria!

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus (Mt 1, 18-24)

"A origem de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José, e, antes de viverem juntos, ela ficou grávida pela ação do Espírito Santo. José, seu marido, era justo e, não querendo denunciá-la, resolveu abandonar Maria, em segredo.

Enquanto José pensava nisso, eis que o anjo do Senhor apareceu-lhe, em sonho, e lhe disse: "José, Filho de Davi, não tenhas medo de receber Maria como tua esposa, porque ela concebeu pela ação do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e tu lhe darás o nome de Jesus, pois ele vai salvar o seu povo de seus pecados".

Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor havia dito pelo profeta: "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho. Ele será chamado pelo nome de Emanuel, que significa: Deus está conosco".

Quando acordou, José fez como o anjo do Senhor havia mandado e aceitou sua esposa.

Adentramos na segunda fase do Advento, a "Semana Santa", por assim dizer, que antecede a solenidade do Natal do Senhor. Até então, a liturgia colocava-nos diante dos olhos precipuamente a figura de São João Batista, o Precursor que, levando uma vida austera e penitente no deserto, incitava-nos a uma verdadeira conversão e mudança de vida. A partir de agora, é sobretudo no mistério da Virgem Maria que nos vamos deter, já que é em seu ventre puríssimo que se dá a concepção virginal do Filho de Deus feito homem; é por meio dela que vem ao mundo, afinal, Aquele que "vai salvar o seu povo de seus pecados", como revelado a São José.

O Evangelho deste domingo narra justamente a versão





Josefina da anunciação do Senhor, contida no Evangelho de São Mateus. Trata-se de uma história um pouco diferente daquela contada por São Lucas, o qual recolheu os fatos da natividade, diz-nos a Tradição, da boca da própria Virgem Santíssima. Mesmo assim, também no relato de São Mateus é notável o protagonismo que tem a serva do Senhor no mistério da nossa salvação: "Não tenhas medo de receber Maria como tua esposa", revela o anjo, em sonho, a José, "porque ela concebeu pela ação do Espírito Santo" e "dará à luz um filho, e tu lhe darás o nome de Jesus".

Assim como a bem-aventurada Virgem Maria, ao ouvir as palavras do arcanjo Gabriel, ficou a pensar no significado da saudação que lhe fôra dirigida (cf. Lc 1, 29), também nós somos convidados a meditar, neste domingo, o sentido da mensagem que é comunicada ao pai nutrício de Jesus.

"Não tenhas medo de receber Maria", diz-lhe o anjo e, com isso, ensina-nos também a nós uma valiosa lição: a de que só seremos realmente visitados pelo menino Jesus neste Natal se antes tivermos fé no mistério da Virgem Santíssima; que só recebendo aquela que gerou em seu seio o próprio Filho de Deus poderemos tê-LO igualmente gerado em nós. Não foi isso o que aconteceu, afinal, com o próprio patriarca da Sagrada Família? A boa-nova que São José recebe dos céus fala primeiro de "receber Maria", sua esposa, e só depois fala do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Da mesma ordem é a reação de Isabel no conhecido episódio da visitação, o qual relembramos todos os dias ao rezarmos a Ave-Maria: "Bendita és tu entre as mulheres", ela diz, "e bendito é o fruto do teu ventre" (Lc 1, 42). A celebração que se aproxima recorda-nos, pois, que são indissociáveis uma da outra a pessoa do Verbo encarnado, Jesus Cristo, e a sua divina Mãe, Maria Santíssima. Não sem razão a Oitava do Natal é dedicada à contemplação da maternidade divina de Nossa Senhora.

Essas duas festas de preceito são, de fato, inseparáveis na liturgia e na teologia católicas, pois celebram uma única e mesma realidade: a de que "o Verbo se fez carne" (Jo 1, 14), Deus se fez homem, a Divindade uniu-se à humanidade. Essa verdade de fé, ensinada desde sempre

pela Igreja Católica, sempre enfrentou dois erros opostos: um, tendente a negar a divindade de Cristo, foi o núcleo da famosa heresia ariana nos primeiros séculos e hoje é adotado largamente pelos teólogos de linha liberal; outro, tendente a desconsiderar a humanidade do Verbo, foi o erro dos docetistas da Igreja primitiva, com o qual neste momento da história simpatizam de modo particular os protestantes. Também entre nós, é grande a tentação de desviar-se da sã ortodoxia, abraçando uma "meia verdade" ao invés de acolher a verdade "católica", isto é, em seu todo. Por isso, para fortalecermos nossa fé, atentemo-nos ao Evangelho de hoje, que nos propõe à meditação a "Paixão de São José".

O pai adotivo de Cristo tinha-se decidido a "abandonar Maria, em segredo", como se sabe. Os Padres da Igreja, dentre os quais sobressai São Jerônimo, não acreditam que São José tivesse duvidado da honestidade de Maria, porquanto ambos já haviam firmado um pacto comum de virgindade e ele, convivendo dia a dia com sua noiva, sabia quem era ela. Confrontado com a gravidez de Maria, no entanto, José se deparava com algo além de sua capacidade de compreensão. Como era um homem justo — isto é, não julgava daquilo que não conhecia —, sua atitude não foi de denunciar Maria, portanto, mas de, "conhecendo sua castidade e maravilhando-se com o que havia acontecido, envolver em silêncio aquilo cujo mistério ele ignorava".

Agindo dessa forma, dando seu assentimento de fé às palavras do anjo mesmo sem saber bem o que se estava passar, São José tornou-se partícipe da salvação que seu filho adotivo veio operar. Confessando com seus atos Aquele no qual devia pôr o nome de Jesus, "pois ele vai salvar o seu povo de seus pecados", o patriarca da Sagrada Família cooperava ativamente na segurança dessa ponte que liga os céus à terra, o eterno à história, Deus aos homens. Adoremos pois, neste dia, os sapientíssimos designios do Altíssimo, que criou a humanidade de seu Filho, no seio de uma mulher, para trazer-nos a salvação. É o Filho de Deus que nasce neste Natal, é o Filho de Maria "nascido do Pai antes de todos os séculos". Vinde, adoremo-LO!

---

# NOVENA DE NATAL

## Meditação para o 1.º dia da Novena de Natal

### O “sim” do Menino Jesus

Ao ser encarregado por Deus da missão de pastorear a humanidade, o Menino Jesus não se entristece, antes se alegra, aceita com amor a sua missão e exulta, dando saltos “como gigante para percorrer o seu caminho”.

“Eu te estabeleci para luz das gentes, a fim de seres a salvação que eu envio até a última extremidade da terra.” (Is 49, 6)

Considera o Pai celeste dizendo estas palavras a Jesus Menino no momento de sua conceição: “Meu Filho, eu te estabeleci para luz das gentes e a vida das nações, a fim de que lhes procureis a salvação, que desejo tanto como se fosse a minha própria”. É pois necessário que vos dediqueis inteiramente ao bem do gênero humano: “Dado sem reserva ao homem, deveis dedicar-vos inteiramente em benefício dele”.

É necessário que sofraís uma pobreza extrema desde o vosso nascimento, a fim de que o homem se torne rico (cf. 2Cor 8, 9). É necessário que sejais vendido como um escravo para pagardes a liberdade do homem, e que, como escravo, sejais flagelado e crucificado a fim de satisfazer à minha justiça pelas penas devidas aos homens. É necessário que deis vosso sangue e vossa vida para livrar o homem da morte eterna. Numa palavra, sabeis que não sois mais vosso, mas do homem, segundo a palavra de Isaías: “Nasceu-nos um Menino, foi-nos dado um filho” (Is 9, 6).

“Desde o primeiro instante de sua encarnação, o Menino Jesus se dá inteiramente ao homem e abraça com alegria todas as dores e humilhações que deve sofrer no mundo por amor de nós.”

Assim, meu caro Filho, o homem se sentirá constrangido a amar-me e a dar-se a mim, ao ver que vos dou todo a ele, vós meu único Filho, e que não me resta mais nada a dar-lhe. Eis até onde chegou o amor de Deus aos homens! Ó amor infinito, digno somente de um Deus infinito! Jesus mesmo disse: “Deus amou de tal maneira o mundo que deu por ele seu unigênito Filho” (Jo 3, 16).

A essa proposta, Jesus Menino não se entristece, antes se alegra, aceita-a com amor e exulta: dá saltos como gigante para percorrer o seu caminho (cf. Sl 18, 6). Desde o primeiro instante de sua encarnação, Ele se dá todo ao homem e abraça com toda alegria todas as dores e humilhações que deve sofrer no mundo por amor aos homens. Essas foram, diz S. Bernardo, as montanhas e as colinas escarpadas que Jesus Cristo teve de escalar para salvar os homens [2]: “Ei-lo, aí vem saltando sobre os montes, atravessando as colinas” (Ct 2, 8).

Notemos bem: enviando-nos seu Filho como Redentor e Mediador de Paz entre Ele e os homens, Deus Pai obrigou-se de certo modo a perdoar-nos e a amar-nos; entre o Pai e o Filho interveio um pacto em virtude do qual o Pai devia receber-nos em sua graça, contanto que o Filho satisfaça por nós à divina justiça. De seu lado, o Verbo, digo, também se obrigou a amar-nos, não por causa do nosso mérito, mas para cumprir a misericordiosa vontade de seu Pai.

### Afetos e Súplicas

Meu caro Jesus, se é verdade, como a lei o declara, que se adquire o domínio pela doação, vós me pertenceis porque o vosso Pai vos deu a mim: é por mim que nascestes, a mim fostes dado: “Nasceu-nos um Menino, foi-nos dado um Filho”. Posso pois dizer: “Meu Jesus e meu tudo”. Já que sois meu, todos os bens me pertencem.

O vosso apóstolo me assegura: “Como não nos dará também com ele todas as coisas?” (Rm 8, 32). Por isso, meu é o vosso sangue, meus os vossos méritos, minha a vossa graça, meu o vosso paraíso. E se sois meu, quem poderá jamais arrancar-vos de mim?

“Ninguém poderá tirar-me o meu Deus”, assim dizia com júbilo S. Antão Abade [3]; assim também quero dizer no futuro. É verdade que vos posso perder ainda e afastar-me de vós pelo pecado; mas, ó meu Jesus, se no passado vos abandonei e perdi, arrependo-me agora de toda a minha alma, e estou resolvido a perder tudo, a própria vida, antes que tornar a perder-vos, ó Bem infinito e único amor de minha alma. Agradeço-vos, Pai eterno, por me terdes dado vosso Filho; e já que me destes a Ele todo, eu, miserável, dou-me todo a vós.

Pelo amor desse Filho adorável, aceitai-me e prendeime com cadeias de amor a meu Redentor, mas prendeime tão estreitamente que possa dizer com o apóstolo: “Quem me separará do amor de Cristo?” (Rm 8, 35). Quem me poderá ainda separar de meu Jesus? E vós, meu Salvador, se sois todo meu, sabeis que sou todo vosso. Disponde de mim, e de tudo o que me pertence como vos aprouver. E como poderia eu recusar alguma coisa a um Deus que não me recusou o seu sangue e a sua vida?

Maria, minha Mãe, guardai-me sob vossa proteção. Já não quero ser meu, quero ser todo do meu Senhor. A vós compete tornar-me fiel, confio em vós.

## **Meditação para o 2.º dia da Novena de Natal**

### **As angústias do Menino Jesus**

Tudo quanto Jesus Cristo teria de sofrer durante sua vida e na sua paixão pairou ante o seu espírito desde o seio de sua Mãe, e Ele o aceitou com amor.

“Não quisestes hóstia nem oblação; mas me formastes um corpo.” (Hb 10, 5)

Considera a grande amargura de que o coração de Jesus devia sentir-se penetrado e oprimido no seio de Maria, no momento em que seu Pai lhe colocou ante os olhos a longa série de desprezos, dores e agonias, que teria de sofrer durante sua vida para livrar os homens de seus males.

Eis como o profeta faz falar a Jesus (cf. Is 50, 4): “Desde a manhã o Senhor abriu-me o ouvido”. Desde o primeiro instante de minha concepção, meu Pai me fez conhecer a sua vontade para que eu levasse uma vida de penas, para depois ser imolado na cruz. “E eu não contradigo; entreguei meu corpo aos que me batiam”. Tudo aceitei para a vossa salvação, almas queridas, desde então abandonei meu corpo aos flagelos, aos cravos e à morte.

Tudo quanto Jesus Cristo teria de sofrer durante sua vida e na sua paixão pairou ante o seu espírito desde o seio de sua Mãe, e Ele o aceitou com amor; mas para resignar-se a esse sacrifício e para vencer a repugnância natural dos sentidos, ó Deus! que angústia e que opressão não sofreu o coração inocente de Jesus!

Nosso amantíssimo Redentor a cada instante sofreu em conjunto todos os tormentos e todos os vexames que o aguardavam até a sua morte.

Ele sabia de antemão o que devia sofrer encerrado nove meses na escura prisão do seio de Maria; sabia a que humilhação e penas devia sujeitar-se nascendo numa fria gruta que servia de abrigo aos animais, e passando depois trinta anos na oficina de um pobre artífice; sabia que os homens o tratariam como a um ignorante, um escravo, um sedutor, um criminoso digno de morte e da morte mais infame e mais dolorosa que se possa infligir aos celerados.

Nosso amantíssimo Redentor aceitou tudo isso a cada instante; e assim, a cada instante sofreu em conjunto todos os tormentos e todos os vexames que o aguardavam até a sua morte. O próprio conhecimento de sua dignidade divina lhe fazia sofrer mais profundamente as injúrias que deveria receber dos homens, e nunca as perdia de vista.

“A minha infâmia está todo o dia diante de mim” (Sl 43, 16), dissera pelo profeta; e por isso entendia sobretudo

aquela confusão que devia provar um dia vendo-se despojado de suas vestes, flagelado, suspenso por três cravos de ferro, e assim terminar a vida no meio dos desprezos e maldições desses mesmos homens pelos quais morria: “Foi obediente até a morte, até a morte da cruz” (Fl 2, 8). E por quê? Para salvar a nós, pecadores miseráveis e ingratos.

### **Afetos e Súplicas**

Ah! meu amado Redentor, quanto vos custou desde a vossa entrada neste mundo o livrar-me do abismo em que me lançaram os meus pecados! Para me libertardes da escravidão do demônio, ao qual me vendi voluntariamente entregando-me ao pecado, quisestes ser tratado como o pior dos escravos; e eu, sabendo disso, contristei muitas vezes o vosso amabilíssimo coração, que tanto me amou!

Mas já que vós, que sois inocente e que sois o meu Deus, aceitastes por meu amor uma vida e uma morte tão penosas, aceito por vosso amor, ó meu Jesus, todas as penas que me vierem de vossas mãos. Eu as aceito e abraço porque me vêm dessas mãos traspassadas um dia para me livrarem do inferno que tantas vezes mereci. O amor que me testemunhas, ó meu Redentor, prontificando-vos a sofrer assim por mim, obriga-me deveras a resignar-me por vós a todos os sofrimentos, a todos os desprezos.

Senhor, pelos vossos méritos, dai-me o vosso santo amor; o vosso amor tornar-me-á doces e amáveis todas as dores e todas as ignomínias.

Amo-vos sobre todas as coisas, amo-vos de todo o meu coração, amo-vos mais do que a mim mesmo. Mas no decorrer de toda a vossa vida destes-me tantas e tão grandes provas de vosso amor, e eu ingrato, após tantos anos de existência, que prova de amor vos tenho dado até agora? Fazei, pois, ó meu Deus, que nos anos que me restam de vida eu vos dê alguma prova do meu amor.

Não ousaria, no dia do juízo, aparecer diante de vós, pobre como sou atualmente e sem nada ter feito por amor de vós. Mas que posso fazer sem a vossa graça? Só posso pedir que me ajudeis, e mesmo essa oração é um efeito da vossa graça. Meu Jesus, socorrei-me pelos méritos das vossas dores e do sangue que derramastes por mim.

Santíssima Virgem Maria, recomendai-me a vosso divino Filho, conjuro-vos pelo amor que lhe tendes: considerai que sou uma das ovelhas pelas quais vosso Filho deu a vida.



## **Meditação para o 3.º dia da Novena de Natal**

### **O Menino Jesus nasceu para nós**

Desejamos luzes? Ele veio precisamente para iluminar-nos. Desejamos mais força para resistir aos inimigos? Ele veio para fortalecer-nos. Desejamos o perdão das nossas faltas e a salvação? Ele veio para nos perdoar e salvar.

“Nasceu-nos um Menino e foi-nos dado um Filho.” (Is 9, 6)

Considera que após tantos séculos, após tantos suspiros e preces, o divino Messias, que os patriarcas e os profetas não tiveram a felicidade de ser, o Desejado das nações, o Desejo das colinas eternas, numa palavra, nosso Salvador, veio enfim, nasceu, e deu-se todo a nós: “Nasceu-nos um Menino, foi-nos dado um Filho”.

O Filho de Deus se fez pequeno para nos fazer grandes; deu-se a nós, a fim de que nos demos a Ele; veio mostrar-nos seu amor a fim de que correspondamos com o nosso. Recebamo-lo pois com afeto, amemo-lo e recorramos a Ele em todas as nossas necessidades.

Quem não amará com toda a ternura a um Deus, vendo-o feito Menino, necessitado de leite, tremendo de frio, pobre, desprezado e abandonado, que chora sobre a palha numa manjedoura?

As crianças, diz S. Bernardo, dão facilmente o que se lhes pede [1]. Jesus veio sob a forma de uma criança para manifestar a sua disposição de comunicar-nos seus bens. Ora, nele estão todos os tesouros (cf. Cl 2, 3). Seu Pai celeste colocou tudo em suas mãos (cf. Jo 3, 35).

Desejamos luzes? Ele veio precisamente para iluminar-nos.

Desejamos mais força para resistir aos inimigos? Ele veio para fortalecer-nos.

Desejamos o perdão das nossas faltas e a salvação? Ele veio para perdoar-nos e salvar-nos.

Enfim, desejamos o soberano dom do amor divino? Ele veio justamente para inflamar nossos corações, e para isso é que ele se fez Menino: se ele quis mostrar-se aos nossos olhos num estado tão pobre e tão humilde, e por isso mesmo mais amável, foi para tirar-nos todo o temor e ganhar o nosso amor [2].

Além disso, Jesus quis nascer como criança para que o amemos não somente sobre todas as coisas, mas também com amor terno. Todas as crianças sabem conquistar a afeição terna de quem as vê; ora, quem não amará com toda a ternura a um Deus, vendo-o feito Menino, necessitado de leite, tremendo de frio, pobre, desprezado e abandonado, que chora sobre a palha numa manjedoura? Por isso S. Francisco inflamado de amor exclamava: “Amemos o Menino de Belém, amemos o Menino de Belém!” [3].

Vinde, ó almas, vinde e amai o meu Deus feito Menino, feito pobre, que é tão amável e que desceu do céu para dar-se todo a vós.

### **Afetos e Súplicas**

Ó meu amável Jesus, por mim tão desprezado, desceste do céu para resgatar-me do inferno e dar-vos todo a mim, e como pude desprezar-vos tantas vezes e voltar-vos as costas? Ó Deus, os homens são tão gratos às criaturas; se alguém lhes faz algum benefício, se de longe lhes fazem uma visita, se lhes mostram sinal de afeto, não podem esquecer-se disso e sentem-se obrigados a pagar-lhes.

E são tão ingratos para convosco, que sois o seu Deus cheio de amabilidade, e que por amor deles não recusastes dar o sangue e a vida. Mas ah! Eu tenho sido pior do que todos, pois que, apesar de me terdes amado, mais eu vos tenho sido ingrato. Ah! se tivésseis concedido a um herege, a um idólatra, as graças com que me favoreceste, ele se teria santificado; e eu, eu vos ofendi! Senhor, dignai-vos esquecer as injúrias que vos fiz.

Vós dissestes que, quando um pecador se arrepende, esqueceis todos os ultrajes que dele recebestes (cf. Ez 18, 22). Se no passado eu não vos amei, no futuro não quero fazer outra coisa senão amar-vos.

Vós vos destes todo a mim; eu vos consagro toda a minha vontade, e assim vos amo, vos amo, vos amo, e quero repetir sem cessar: amo-vos, amo-vos; e quero dizer sempre a mesma coisa enquanto viver, e quero exalar o último suspiro tendo nos lábios a doce palavra: Meu Deus, eu vos amo! — para começar depois, ao entrar na outra vida, a amar-vos sem interrupção, com um amor sem fim, com amor eterno.

Aguardando essa ventura, ó meu Deus, meu único Bem, meu único Amor, estou resolvido a preferir a vossa vontade a todas as minhas satisfações. Venha o mundo inteiro, eu o repilo; não quero cessar de amar Aquele que tanto me amou; já não quero desgostar Aquele que merece amor infinito.

Meu Jesus, secundai o meu desejo e a minha resolução com a vossa graça. Maria, minha Rainha, reconheço que por vossa intercessão tenho recebido todas as graças que Deus me tem concedido; não cesseis de interceder por mim; obtende-me a perseverança, vós que sois a Mãe da perseverança.

## **Meditação para o 4.º dia da Novena de Natal**

### **O Menino Jesus sabia dos sofrimentos pelos quais iria passar?**

Velando ou dormindo, trabalhando ou descansando, orando ou conversando, o adorável Coração de Jesus não ficou isento de penas nem um instante sequer.

“A minha dor está sempre ante os meus olhos.” (Sl 37, 18)

Considera que, desde o primeiro instante em que foi criada a alma de Jesus Cristo e unida ao corpo no seio de Maria, o eterno Pai intimou a seu Filho a ordem de sacrificar sua vida pela redenção do mundo, e que ao mesmo tempo lhe pôs ante os olhos o espetáculo aflitivo de todas as penas que devia sofrer até a morte para salvar os homens.

Mostrou-lhe então os sofrimentos, as humilhações, a pobreza que teria de suportar durante toda a sua vida em Belém, no Egito, em Nazaré, e depois todas as dores e todas as ignomínias de sua paixão, os flagelos, os espinhos, os cravos, a cruz, e os enfados, as tristezas, as agonias, os abandonos, em que terminaria sua vida sobre o Calvário.

O Pai celeste quis que seu Filho encarnado sofresse antecipadamente todas as penas a que devia submeter-se durante a sua vida e na sua morte.

Quando Abraão conduziu seu filho à morte, não quis afligi-lo antes, nem mesmo no pouco tempo necessário para chegar à montanha, e guardou em segredo o seu intento; mas o Pai celeste quis que seu Filho encarnado, vítima destinada a satisfazer à sua justiça por todos os pecados, sofresse antecipadamente todas as penas a que devia submeter-se durante a sua vida e na sua morte.

Assim essa cruel tristeza que Jesus provou no jardim das Oliveiras, e que bastava como ele mesmo declarou para lhe tirar a vida (cf. Mt 26, 38; Mc 14, 34), ele a suportou continuamente desde o primeiro momento de sua existência no seio de Maria; e desde então ele sentiu e sofreu vivamente e em seu conjunto o peso de todas as dores e de todos os opróbrios que o aguardavam.

Toda a vida e todos os anos de nosso divino Redentor foram pois uma vida e anos de dores e lágrimas: “A minha vida vai-se consumindo com a dor, e os meus anos com os gemidos” (Sl 30, 11). O seu adorável coração não ficou isento de penas nem um instante: velando e dormindo, trabalhando e descansando, orando e conversando, tinha sempre diante dos olhos essa cruel representação, que mais atormentava a sua alma do que todos os tormentos dos mártires os fizeram sofrer.

Os mártires sofreram, mas ajudados pela graça suportaram seus tormentos com a consolação e a alegria

que o fervor proporciona; Jesus Cristo sofreu, mas sempre com um coração cheio de tédio e tristeza, e tudo aceitou por amor de nós.

### **Afetos e Súplicas**

Ó doce, ó amável, ó amante coração de Jesus, fostes desde a infância repleto de amarguras e agonizastes no seio de Maria, sem nenhum alívio e sem que ninguém visse a vossa pena e vos consolasse com sua compaixão! Sofrestes tudo isso, ó meu Jesus, a fim de me livrar da agonia eterna que me aguardava no inferno em punição dos meus pecados.

Sofrestes um duro abandono, a privação de todo socorro a fim de salvar a mim que tive a audácia de abandonar a Deus e de lhe voltar as costas, para contentar minhas más inclinações. Agradeço-vos, ó Coração aflito e amoroso de meu Senhor! Agradeço-vos e me compadeço das vossas dores, mormente ao ver a insensibilidade dos homens diante de tudo o que sofreis por seu amor.

Ó amor de Jesus! Ó ingratidão dos homens! Ó homens! Olhai o inocente Cordeiro agonizando por vós, a fim de satisfazer à justiça divina por vossas ofensas; vede-o orando e intercedendo por vós junto de seu Pai eterno; vede-o e amai-o. — Ah! meu Redentor, quão poucos são os que pensam em vossas dores e em vosso amor! Ah! quão poucos são os que vos amam!

Infeliz de mim! Tive a desgraça de viver muito tempo sem pensar em vós! Sofrestes tanto para ser amado por mim, e eu vos não tenho amado! Perdoai-me, meu Jesus, perdoai-me; quero corrigir-me e quero amar-vos de hoje em diante.

Quão infeliz seria, Senhor, se resistisse ainda à vossa graça e assim me condenasse! Todas as misericórdias que tendes usado para comigo e particularmente esse doce convite que neste momento me fazeis para amar-vos, seriam meu maior suplício no inferno. Meu amado Jesus, tende piedade; não permitais que eu responda ainda ao vosso amor com ingratidão; esclarecei-me e dai-me a força de vencer tudo para cumprir a vossa santa vontade. Atendei-me, vo-lo suplico pelos méritos de vossa paixão, na qual ponho toda a minha confiança.

Ó Maria, minha querida Mãe, socorrei-me: vós é que me tendes obtido todas as graças que tenho alcançado de Deus; eu vos agradeço; mas se me não continuardes a proteger, continuareis a ser infiel como no passado.

### Um Coração disposto a sofrer por nós

Ponhamos ante os nossos olhos as penas que o Coração de Jesus suportou por nós desde a infância, e não poderemos amar outra coisa fora desse Coração que nos amou tanto.

“Foi oferecido porque ele mesmo quis.” (Is 53, 7)

Desde o primeiro instante que o Verbo divino se viu feito homem e criança no seio de Maria, ofereceu-se sem reserva aos sofrimentos e à morte, para resgatar o mundo: “Foi oferecido porque ele mesmo quis”. Sabia que todos os sacrifícios de bodes e touros, oferecidos a Deus no passado, não podiam satisfazer pelos pecados dos homens, que só uma pessoa divina podia pagar o preço de sua redenção. Eis por que, escreve S. Paulo, “desde sua entrada no mundo ele diz: Não quisestes hóstia nem oblação, mas me formastes um corpo... Então eu disse: Eis que venho” (Hb 10, 5-7).

Meu Pai! todas as vítimas que vos foram oferecidas até agora não foram suficientes e não podiam sê-lo para desarmar vossa justiça; destes-me este corpo passível a fim de que pela efusão do meu sangue eu vos aplaque e salve os homens. Eis-me pronto: “eis que venho”; aceito tudo e me submeto em tudo à vossa santa vontade.

O corpo de Cristo sentia repugnância ao sofrimento, naturalmente, mas a vitória coube à sua vontade, inteiramente submissa à de Deus.

É certo que a parte inferior sentia repugnância; recusava-se naturalmente a viver e morrer no meio de tantos sofrimentos e opróbrios; mas a vitória coube à parte racional, que estava inteiramente submissa à vontade de Deus, e Jesus aceitou tudo, começando desde então a sofrer todas as angústias e dores que devia suportar no decorrer de sua vida. Eis o que fez por nós nosso divino Redentor desde o primeiro momento de sua entrada no mundo.

Mas nós, grande Deus, como nos temos portado para com Jesus, depois que, chegados ao uso da razão, começamos a conhecer pelas luzes da fé os santos mistérios da redenção? Quais foram os nossos pensamentos, as nossas ocupações? Que bens temos nós amado? Os prazeres, os divertimentos, o orgulho, a vingança, a sensualidade, eis os bens que prenderam os afetos do nosso coração. Mas, se temos fé, havemos enfim de mudar de conduta e amar outra coisa.

Amemos um Deus, que tanto sofreu por nós. Ponhamos ante os nossos olhos as penas que o coração de Jesus suportou por nós desde a infância, e não poderemos amar outra coisa fora desse coração que nos amou tanto.

Senhor, quereis saber como me tenho comportado para convosco durante a minha vida? Desde que comecei a ter o uso da razão, comecei a desprezar a vossa graça e o vosso amor. Ah! vós o sabeis melhor do que eu; mas vós me tendes suportado, porque ainda me quereis bem. Eu vos fugia e vós não cessáveis de me perseguir chamando-me. O mesmo amor que vos fez descer do céu à procura das ovelhas perdidas, vos fez suportar as minhas infidelidades e não vos permitiu abandonar-me.

Agora, meu Jesus, vós me buscais e eu também vos busco; sinto que vossa graça me assiste: ela me assiste inspirando-me uma viva dor de meus pecados, que detesto sobre todas as coisas; ela me assiste fazendo nascer em mim um grande desejo de vos amar e de vos agradar. Sim, Senhor, quero amar-vos e agradar-vos quanto posso.

Se sou fraco, vós me dareis força contra os meus inimigos; se sou enfermo, espero que vosso sangue será o meu remédio; se sou pecador, espero que me tornareis santo.

Temo, é verdade, devido à minha fragilidade e fraqueza que contraí por meus pecados; mas o meu temor cede à confiança que me vem da vossa graça e que, apoiando-se em vossos méritos, me enche de coragem e me faz dizer com o apóstolo: “Tudo posso naquele que me conforta” (Fl 4, 13). Se sou fraco, vós me dareis força contra os meus inimigos; se sou enfermo, espero que vosso sangue será o meu remédio; se sou pecador, espero que me tornareis santo.

Reconheço que no passado vos perdi por ter deixado de recorrer a vós nos perigos; doravante, meu Salvador e minha esperança, estou resolvido a recorrer sempre a vós, e espero de vós todos os socorros necessários e todos os bens. Amo-vos sobre todas as coisas e quero amar a vós só; ajudai-me por piedade, pelo mérito de tantas penas suportadas por mim desde a vossa infância. — Pai eterno, pelo amor de Jesus Cristo, permiti que vos ame.

Se vos irritai, aplaquem-vos as lágrimas de Jesus Menino, que vos pede por mim: “Olhai para a face do vosso Cristo” (Sl 83, 10). Sou indigno das vossas graças, mas vosso Filho inocente as merece por mim, ele que vos oferece uma vida de sofrimentos a fim de que tenhais misericórdia de mim.

E vós, ó Maria, Mãe de misericórdia, não cesseis de interceder por mim. Sabeis quanto confio em vós, e eu sei que não abandonais quem a vós recorre.



## **Meditação para o 6.º dia da Novena de Natal**

### **O cativo de Jesus no ventre da Virgem Maria**

Pai eterno, pelo cativo de Jesus no seio de Maria, livrai-me das cadeias do pecado e do inferno.

“Tornei-me como um homem sem socorro, abandonado entre os mortos.” (Sl 87, 5)

Considera os sofrimentos de Jesus Cristo no seio de sua Mãe, onde esteve como numa prisão durante nove meses. É verdade que as outras crianças se acham no mesmo estado, mas não lhe sentem os incômodos, porque não os conhecem. Jesus, ao contrário, tinha pleno conhecimento deles, pois desde o primeiro instante de sua vida, teve o perfeito uso da razão.

Possuía os sentidos e não podia servir-se deles; tinha olhos e não podia ver; tinha língua e não podia falar; tinha mão e não podia estendê-las; tinha pés e não podia andar, de sorte que durante nove meses teve de ficar no seio de Maria como um morto encerrado num sepulcro: “Como um homem sem socorro, abandonado entre os mortos”.

Eis a que se reduz o Filho de Deus por amor dos homens: priva-se de sua liberdade e se coloca em cadeias para livrar-nos das cadeias do inferno.

Era livre, porque voluntariamente se fizera prisioneiro de amor naquele cárcere; mas o amor o privava da liberdade e lá o conservava tão estreitamente preso, que não podia mover-se: ele era livre, porém entre os mortos. “Ó paciência do Salvador!”, exclama S. Ambrósio ao considerar os sofrimentos de Jesus no seio de Maria.

O seio de Maria foi pois para o nosso Redentor uma prisão voluntária, porque era uma prisão de amor; não foi todavia uma prisão injusta: Jesus era inocente, mas se oferecera para pagar as nossas dívidas e expiar as nossas iniquidades.

É pois com razão que a divina justiça o conservou assim encerrado, começando a exigir por esta primeira pena a satisfação que lhe era devida. Eis a que se reduz o Filho de Deus por amor dos homens: priva-se de sua liberdade e se coloca em cadeias para livrar-nos das cadeias do inferno.

E nós poderíamos sem injustiça não corresponder com gratidão e amor à bondade daquele que, sem estar a isso obrigado, mas por puro afeto para conosco, se fez nossa caução e nosso libertador, que se ofereceu para pagar nossas dívidas e de fato as pagou com sua vida divina, e se carregou das penas devidas aos nossos crimes? “Não te

esqueças”, diz o autor sagrado, “do benefício que te fez o que ficou por teu fiador, porque ele expôs a sua vida por ti” (Eclo 29, 20).

### **Afetos e Súplicas**

Sim, meu Jesus, o vosso profeta tem razão de advertir-me a não esquecer a graça inapreciável que me fizestes. Eu era o devedor, o culpado; e vós inocente, vós, o meu Deus, quisestes expiar minhas faltas com vossas dores e com a vossa morte. Mas eu, depois disso, esqueci os vossos benefícios e o vosso amor e tive a audácia de voltar-vos as costas, como se não fosseis o meu soberano Senhor, e um Senhor que me amou tanto!

O seio de Maria foi para o nosso Redentor uma prisão voluntária, porque era uma prisão de amor.

Mas, meu caro Redentor, se no passado fui ingrato, estou resolvido a não cometer mais a mesma falta: os vossos sofrimentos e a vossa morte serão o objeto contínuo dos meus pensamentos; recordar-me-ão sem cessar o amor que me tendes. Maldigo esses dias em que, esquecido do que sofrestes por mim, fiz uso tão mau da minha liberdade; vós ma destes para eu vos amar, e dela me servi para vos ultrajar! Mas hoje, consagro-vos inteiramente essa liberdade que recebi de vós.

Por favor, Senhor, preservai-me da desgraça de me ver outra vez separado de vós e caído na escravidão de Lúcifer. Prendei minha pobre alma aos vossos sagrados pés pelas cadeias do vosso amor a fim de que não se separe jamais de vós. — Pai eterno, pelo cativo de Jesus no seio de Maria, livrai-me das cadeias do pecado e do inferno.

E vós, ó Mãe de Deus, socorrei-me. Tendes o Filho do Altíssimo encerrado em vosso seio e estreitamente unido a vós: já que Jesus é vosso prisioneiro, fará o que lhe disserdes, ah! dizei-lhe que me perdoe, dizei-lhe que me torne santo. Ajudai-me, minha Mãe, eu vos conjuro pela graça e honra que Jesus Cristo vos fez de habitar nove meses em vós.

---

## **Meditação para o 7.º dia da Novena de Natal**

### **O Menino Jesus não é amado!**

Um dia, durante as festas do Natal, São Francisco de Assis andava chorando, inconsolável, pelas florestas. Perguntaram-lhe a causa de sua dor e ele respondeu: “Como quereis que eu não chore, vendo que o amor não é amado?”

“Veio para o que era seu, e os seus o não receberam.”  
(Jo 1, 11)

Um dia, durante as festas do Natal, S. Francisco de Assis andava chorando e suspirando pelos caminhos e florestas, e parecia inconsolável. Perguntaram-lhe a causa de sua dor e ele respondeu: “Como quereis que eu não chore, vendo que o amor não é amado? Vejo um Deus amar o homem até a loucura, e o homem ser tão ingrato a esse Deus!” [1] Se a ingratidão dos homens afligia tanto o coração de S. Francisco, imaginemos quanto mais afligiou o coração de Jesus Cristo!

Apenas concebido no seio de Maria, ele viu a cruel ingratidão que devia receber dos homens. Viera do céu para acender na terra o fogo do amor divino; esse único motivo o levou a deixar-se imergir num abismo de dores e opróbrios: “Vim trazer o fogo sobre a terra, e que quero senão que se inflame?” (Lc 12, 49). E via um abismo de pecados que os homens iriam cometer depois de receberem tantas provas de seu amor! Eis, diz S. Bernardino de Sena, o que lhe causou uma dor infinita [2].

Não, meu Redentor e meu Pai, “não sou digno de ser chamado vosso filho”, depois de haver tantas vezes renunciado ao vosso amor.

Nós mesmos sentimos pena insuportável vendo-nos tratados com ingratidão; é que, segundo a reflexão do bem-aventurado Simão de Cássia, “muitas vezes a ingratidão aflige mais a nossa alma do que qualquer outra dor ao corpo” [3].

Qual não foi pois a dor de Jesus Cristo, nosso Deus, ao ver que corresponderíamos a seus benefícios e amor com ofensas e injúrias!

Ele se queixou pela boca de Davi: “Deram-me males em troca de bens, e ódio em troca do amor que eu lhes tinha” (Sl 108, 5); mas também hoje em dia parece que Jesus Cristo se lamenta: “Sou como um estranho no meio de meus irmãos” (Sl 68, 9), por ver um grande número deles viver sem o amar e sem o conhecer, como se não os tivesse beneficiado, e como se nada houvera sofrido por amor deles. Ah! que caso fazem hoje muitos cristãos do amor de Jesus Cristo?

Nosso Senhor apareceu um dia ao bem-aventurado Henrique Suso sob a forma dum peregrino a mendigar de porta em porta um abrigo; mas todos o repeliam injuriando-o grosseiramente [4]. Quantos se parecem com aqueles de que falava Jó: “Diziam a Deus: Retirai-vos de nós...; e isso depois que enchera suas casas de toda a sorte

de bens” (Jó 22, 17-18).

No passado também nós fomos ingratos; queremos ainda continuar a sê-lo? Oh! não: esse amável Menino, que do céu veio sofrer e morrer por nós para obter o nosso amor, não merece tal ingratidão.

### Afetos e Súplicas

É pois verdade, meu Jesus, que desceste do céu para vos fazer amar de mim; viestes abraçar uma vida de penas e a morte da cruz por meu amor, a fim de abrir-vos a entrada do meu coração; e eu vos repeli tantas vezes dizendo: “Retirai-vos de mim, Senhor; não vos quero!” — Ah! se não fosseis um Deus de bondade infinita, e se não tivésseis dado a vossa vida para perdoar-me, não ousaria pedir-vos perdão. Mas ouço que vós mesmo me ofereceis a paz: “Converteis-vos a mim”, dizeis, “e eu me converterei a vós” (Zc 1, 3).

No passado também nós fomos ingratos; queremos ainda continuar a sê-lo?

Pois bem, meu Jesus, vós a quem ofendi, vos fazeis meu intercessor. Não quero pois fazer-vos ainda a injúria de desconfiar da vossa misericórdia. Arrependo-me de toda a minha alma de vos haver ofendido e desprezado, ó Bem supremo; recebei-me em vossa graça, conjuro-vos pelo sangue que derramastes por mim. Não, meu Redentor e meu Pai, “não sou digno de ser chamado vosso filho” (cf. Lc 15, 18-21), depois de haver tantas vezes renunciado ao vosso amor; mas vós com os vossos méritos me tornais digno dele.

Agradeço-vos, meu Pai, agradeço-vos e amo-vos. Ah! já a lembrança da paciência com que me suportastes tantos anos e das graças que me prodigalizastes após tantos ultrajes da minha parte, deveria fazer-me arder sem cessar de amor por vós. Vinde, pois, meu Jesus, não quero mais repelir-vos; vinde habitar em meu pobre coração. Amo-vos e quero amar-vos sempre; inflamai-me cada vez mais recordando-me sempre o amor que me tivestes.

Minha Rainha e minha Mãe, ajudai-me, pedi a Jesus por mim: fazei que durante o resto da minha vida, eu seja grato para com esse Deus que tanto me tem amado mesmo depois de haver recebido de mim tantas ofensas.

## **Meditação para o 8.º dia da Novena de Natal**

### **Feliz de quem O tiver amado!**

Ó santo Menino, vejo-vos hoje sobre a palha, pobre, aflito e abandonado, mas sei que um dia vireis, para julgar-me, num trono resplendente e cercado de anjos.

“A graça de Deus, nosso Salvador, apareceu a todos os homens e nos ensinou a viver no século presente com piedade, aguardando a beatitude que esperamos, e o futuro glorioso de nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo.” (Tt2, 11)

Considera que, por essa graça de que aqui fala o apóstolo, entende-se o ardente amor de Jesus Cristo aos homens, amor que não merecemos e que por essa razão é chamada graça. Esse amor em Deus foi sempre o mesmo, mas não apareceu sempre.

Foi primeiro prometido por um grande número de profecias e anunciado por muitas figuras; mas apareceu manifestamente quando o Redentor nasceu, quando o Verbo eterno se mostrou aos homens sob a forma duma criancinha, reclinada sobre palha, chorando e tremendo de frio, começando assim a satisfazer pelas penas por nós merecidas, e fazendo-nos conhecer o afeto que nos tinha pelo sacrifício que fez de sua vida por nós.

Jesus veio primeiro sob a forma de uma criança pobre e reclinada sobre a palha. No último dia, porém, aparecerá como juiz sobre um trono glorioso.

“Nisto conhecemos o amor de Deus”, diz S. João, “em ter ele dado a sua vida por nós” (1Jo 3, 16). Apareceu pois o amor do nosso Deus e apareceu a todos os homens. Mas por que não o conheceram todos, e ainda hoje nem todos o conhecem? Eis como Jesus mesmo responde, a essa pergunta: “A luz veio ao mundo, e os homens preferiram as trevas à luz” (Jo 3, 19). Não o conheceram e não o conhecem, porque não querem conhecê-lo, amando mais as trevas do pecado do que a luz da graça.

Procuremos não ser do número desses infelizes. Se no passado fechamos os olhos à luz pensando pouco no amor de Jesus Cristo, procuremos no resto da nossa vida não perder jamais de vista as dores e a morte de nosso Salvador, a fim de amarmos, como devemos, Aquele que tanto nos amou. Assim teremos direito de esperar, segundo as divinas promessas, o belo paraíso que Jesus Cristo nos adquiriu com seu sangue, esperando a beatitude e o glorioso advento de nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo: “Vivendo a esperança, aguardamos a vinda de Cristo Salvador”.

No seu primeiro advento, Jesus veio sob a forma duma criança pobre e desprezada, nascida num estábulo, coberta de míseros paninhos e reclinada sobre palha; no segundo aparecerá como juiz sobre um trono glorioso. “Eles verão o Filho do homem vir sobre as nuvens do céu, com grande poder e majestade” (Mt 24, 30). Feliz de quem o tiver amado! Mas ai de quem não o tiver amado!

### **Afetos e Súplicas**

Ó Santo Menino, vejo-vos hoje sobre a palha, pobre, aflito e abandonado; mas sei que um dia vireis, para julgar-me, num trono resplendente e cercado de anjos. Ah! perdoai-me antes desse dia terrível. Então deveis agir como juiz rigoroso; mas hoje sois Redentor e Pai de misericórdia. Eu, ingrato, fui um dos que não vos conheceram, porque não quis conhecer-vos; eis por que, em vez de pensar em amar-vos considerando o amor que me testemunhastes, só pensei em satisfazer-me desprezando vossa graça e vosso amor.

Os homens não conheceram a Cristo e não o conhecem, porque não querem conhecê-lo, amando mais as trevas do pecado do que a luz da graça.

Entrego agora nas vossas mãos a alma que perdi; salvei-a. “Em tuas mãos, Senhor, entrego o meu espírito, porque vós me salvareis, ó Deus fiel” (Sl 30, 6). Ponho em vós todas as minhas esperanças, sabendo que, para resgatar-me do inferno, destes o vosso sangue e a vossa vida. Não me fizestes morrer quando estava em pecado, e esperastes-me com tanta paciência, a fim de que, caindo em mim e arrependido de vos haver ofendido, comece a amar-vos, e vós possais depois perdoar-me e salvar-me.

Ó meu Jesus, quero corresponder a tanta bondade: arrependo-me sobre todas as coisas dos desgostos que vos dei; arrependo-me e amo-vos sobre todas as coisas.

Salvai-me por vossa misericórdia, e a minha salvação consista em amar-vos sempre nesta vida e na eternidade. Maria, minha querida Mãe, recomendai-me a vosso divino Filho. Dizei-lhe que sou vosso servo e que pus em vós a minha esperança; ele vos ouve e nada vos recusa.





### **Meditação para o 9.º dia da Novena de Natal**

#### **Façamos companhia à Sagrada Família!**

Unamo-nos nesta noite santa a Maria e a José, e acompanhemos com eles o Rei do céu, que vai nascer numa caverna e fazer sua primeira aparição no mundo como a criança mais pobre e abandonada que jamais nasceu entre os homens.

“José foi também para se recensear juntamente com sua esposa Maria, que estava grávida.” (Lc 2, 4)

Deus havia decretado que seu Filho nascesse não na casa de José, mas numa gruta, num estábulo, da maneira mais pobre e mais penosa que possa nascer uma criança; e por isso dispôs que César publicasse um edito pelo qual cada um era obrigado a ir inscrever-se no lugar de sua origem.

Ao receber essa ordem José ficou inquieto não sabendo se devia deixar ou levar consigo à Virgem Mãe, pois ela estava para dar à luz.

— Minha Esposa e Senhora, disse-lhe, de um lado não vos quero deixar só, e do outro, se vos levar comigo fico aflito pensando no muito que tereis de sofrer em tão longa viagem e tão rigorosa estação; minha pobreza não me permite conduzir-vos com os devidos cuidados.

Maria, porém, encorajou-o dizendo:

— Meu caro José, não temais; irei convosco e o Senhor nos ajudará.

Ela sabia por inspiração e pelo conhecimento que tinha da profecia de Miquéias, que o divino Menino devia nascer em

Belém. Tomou pois as faixas e os pobres paninhos já preparados, e pôs-se a caminho com José.

Peçamos a Jesus, Maria e José, pelos méritos das penas que sofrem na viagem até Belém, que nos acompanhem na viagem que fazemos à eternidade.

Acompanhemos os santos esposos em sua viagem considerando os piedosos entretimentos que nessa viagem deviam ter tido sobre a misericórdia, a bondade e o amor do Verbo divino, que iria logo nascer e aparecer no mundo para a salvação dos homens. Consideremos ainda os louvores e as bênçãos, as ações de graças, os atos de humildade e amor, que no caminho faziam esses dois nobres peregrinos.

Ela sofria certamente muito, essa jovem e tenra virgem prestes a dar à luz, fazendo trajeto tão longo, por caminhos difíceis e no tempo do inverno; mas sofria em paz e com amor, e oferecia a Deus todas as suas penas unindo-as às de Jesus que levava em seu casto seio.

Ah! unamo-nos a Maria e a José, e acompanhemos com eles o Rei do céu, que vai nascer numa caverna e fazer sua primeira aparição no mundo como uma criança, e como a criança mais pobre e abandonada que jamais nasceu entre os homens. Peçamos a Jesus, Maria e José, pelos méritos das penas que sofrem nessa viagem, que nos acompanhem na viagem que fazemos à eternidade. Felizes de nós, se na vida e na morte formos sempre acompanhados por esses três grandes personagens!

#### **Afetos e Súplicas**

Meu caro Redentor, sei que os anjos do céu vos acompanham nessa viagem; mas entre os habitantes da terra, quais são os que vos acompanham? Vejo convosco só José e

Maria que vos leva em seu seio; ó meu Jesus, permiti que eu me una a eles para vos seguir. Ah! tenho sido bem ingrato para convosco! vejo agora o mal que fiz: descestes do céu para me fazer companhia na terra, e eu tive tantas vezes a ingratidão de deixar-vos ofendendo-vos.

Ó meu divino Mestre, quando penso que para seguir minhas malditas inclinações tantas vezes me separei de vós, renunciando à vossa amizade, quisera morrer de dor.

Santíssima Virgem Maria, venho fazer-vos companhia em vossa viagem a Belém. Não cesseis de ajudar-me na viagem que faço à eternidade.

Mas viestes para perdoar-me; perdoai-me pois agora, que me arrependo de toda a minha alma de vos ter tantas vezes desprezado e abandonado. Estou resolvido e espero, com a vossa graça, não me afastar nem separar de vós, meu único amor!

Sim, minha alma está tomada de amor por vós, meu amável Deus-Menino! Amo-vos, meu doce Salvador, e já que viestes à terra para me salvar e me comunicar as vossas graças, eis a única que vos peço: fazei que não me separe jamais de vós; cativai-me prendendo-me estreitamente a vós pelas doces cadeias do vosso santo amor. Ah! meu Redentor e meu Deus, quem poderia ainda

deixar-vos e viver sem vós, privado da vossa graça?

Santíssima Virgem Maria, venho fazer-vos companhia em vossa viagem a Belém; e vós, minha Mãe, não cesseis de ajudar-me na viagem que faço à eternidade. Assisti-me sempre, mas sobretudo no fim da minha vida, quando eu chegar a esse último momento que deve decidir se estarei, ou sempre convosco para amar a Jesus no céu, ou sempre longe de vós para odiar a Jesus no inferno.

Minha Rainha, salvai-me com vossa intercessão; e a minha salvação seja amar-vos para sempre, a Jesus e a vós, no tempo e na eternidade. Sois minha esperança, espero tudo de vós.



**VINDE E O ADOREMOS!**

*Apressemos-nos então a ouvirmos sua voz e O acolhermos em nossos corações para termos o mais Santo Natal.*

**FELIZ NATAL E UM SANTO ANO 2019 !**

**ASSOCIAÇÃO FILHOS DE JESUS E MARIA**



*Associação Filhos de Jesus e Maria*  
[www.afjm.org.br](http://www.afjm.org.br)

**Fonte:**

Site: <https://padrepauloricardo.org/>

Livro: Novena de Natal composta por Santo Afonso Maria de Ligório

“Encarnação, Nascimento e Infância de Jesus Cristo”, Editora Cultor de Livros.

